

**DE MÃOS DADAS: A EXPERIÊNCIA DE PESQUISADORAS PRETAS
NO PROJETO DEMOCRACIA, ARTES E SABERES PLURAIS (USP)****HAND IN HAND: THE EXPERIENCE OF BLACK RESEARCHERS AT
THE DEMOCRACY, ARTS AND PLURAL KNOWLEDGE PROJECT
(USP)****MANO A MANO: LA EXPERIENCIA DE LOS INVESTIGADORES
NEGROS DEL PROYECTO DEMOCRACIA, ARTE Y
CONOCIMIENTO PLURAL (USP)**Eduarda Ribeiro Rodrigues¹Carla Maria dos Santos Silva¹Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos Santos¹**RESUMO**

Este relato de experiência visa narrar e discutir a participação de pesquisadoras pretas no Projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais, a partir de três trajetórias. Para isso, utilizamos do aparato histórico, bibliográfico e a observação participativa como recursos importantes para formulação etnográfica deste trabalho.

Palavras-chave: Universidade Pública; Extensão e Pesquisa Universitária; Periferia; Mulheres Pretas.

ABSTRACT

This experience report aims to narrate and discuss the participation of black researchers in the Projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais (Project Democracy, Arts and Plural Knowledge), based on three trajectories. To do so, we use the historical and bibliographic apparatus and participatory observation as important resources for the ethnographic formulation of this work.

Keywords: Public University; Extension and University Research; Periphery; Black Women.

RESUMEN

Este informe de experiencias tiene como objetivo narrar y discutir la participación de los investigadores negros en el Proyecto Democracia, Arte y Conocimiento Plural, basado en tres

¹ Pesquisadoras ligadas ao Projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: eduardanicolly@usp.br.

trayectorias. Para ello, utilizamos el aparato histórico y bibliográfico y la observación participativa como recursos importantes para la formulación etnográfica de este trabajo.

Palabras clave: Universidad Pública; Extensión e Investigación Universitaria; Periferia; Mujeres negras.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência visa narrar e discutir a participação de pesquisadoras pretas no Projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais, desenvolvido no âmbito do Instituto de Estudos Avançados da USP, entre os anos de 2018 e 2020. Tal projeto tem como objetivo promover diálogos e pesquisas que contribuam para aproximar a USP e as periferias, a partir de três ações: o ciclo de eventos Centralidades Periféricas, com a participação de artistas e pesquisadores da produção cultural da periferia; a plataforma digital Conexões USP-Periferias, com a sistematização das atividades de ensino, pesquisa e extensão da universidade com foco nas periferias e favelas; e o Censo Pontes e Vivências de Saberes, que consiste em um diagnóstico sociocultural e econômico de territórios periféricos do entorno da USP.

Como um projeto voltado para a discussão das periferias urbanas, os critérios de seleção de pesquisadores privilegiaram o desempenho acadêmico, a relação pessoal e profissional com as periferias, o interesse por questões sociais e a condição socioeconômica, o que resultou em uma equipe formada por estudantes de variados cursos e predominantemente de origem popular, preta e periférica. Nesse sentido, nosso perfil social mostrou-se importante para os resultados e as interações com os territórios que se buscava alcançar no projeto.

Somos três mulheres pretas oriundas de camadas populares e apesar de muitas semelhanças, temos particularidades e por este motivo optamos por escrevermos cada qual seu relato.

RELATO 1

Começo o texto sugerindo uma reflexão a partir das produções acadêmicas e intelectuais tendo como ponto de partida o paradigma afrocentrado, práticas pretas ao fazer pesquisas e metodologias que buscam desconstruir as generalizações corriqueiras, essas, que

trazem como pano de fundo ações perigosas, tendo como base o racismo estrutural e estratégias de inutilização, seja em ações emocionais, sociais, culturais ou econômicas construídas ao longo das trajetórias. A exposição das iniquidades históricas, sócio econômicas, o processo auto crítico e a forma capilar de ver o mundo faz parte do processo de luta e resistência do povo preto, ante a naturalização dos estigmas e as verdades absolutas que comumente compõem o cenário de perseguição voltado, principalmente, as mulheres pretas.

À luz de Hall (2006), o imaginário e as representações segregacionistas podem ser comumente percebidas em campanhas publicitárias, papéis em novelas e geralmente, essas ações são reproduzidas no cotidiano como nas relações e o acirramento de marcadores sociais para fortalecimento das relações de opressão, a exemplo do comparativo entre a ocupação em espaços de decisão mulheres pretas e homens brancos. As reivindicações de uma mulher preta e os seus enfrentamentos traz como condicionante, a necessidade de mudanças na estrutura e na forma de ver e pensar o mundo, pois certas escolhas perpassam também por um posicionamento político que não é isento, e desvinculado de determinadas potencialidades, e necessidade de articulação política, como a escolha de não criticar outras mulheres pretas, que de certa forma, passam pelo mesmos percalços e agruras sociais, o fato de reconhecer-se e criar espaços pretos fortalece essas relações e garante a permanência, principalmente em lugares historicamente ocupados pela elite, branca e majoritariamente masculina, a exemplo das Universidade de São Paulo. Neste ínterim, conforme (SHAKUR, 2018) que há certas estratégias simbólicas que são empenhadas com objetivo de inutilizar as associações pretas, fomentar a desarticulação por meio de ações que mata socialmente e divide o determinados segmentos por meio das do silenciamento, objetificação violentas camufladas por outras denominações (falta de empatia, pretas raivosas, excesso de agressividade, falta de afinidade, mulher quente, pouco racismo é um emaranhado de sutileza

Desde o século XIX acompanhamos a construção de determinados arquétipos associados aos negros e a eficácia dessas construções aproximam-se de estereótipos refletidos diretamente na acessibilidade dos seus descendentes aos espaços e equipamentos sócio culturais. Sabemos que esse contexto vem passando por transformações, mas ainda estamos longe de atingir a equidade social, a exemplo da dicotomia entre as mulheres brancas que tornam-se modelo de superação passível de competir no mercado de trabalho com os

homens, enquanto em outro extremo as mulheres pretas, principalmente as que têm a tez mais escuras, são vistas como incapazes, passíveis de desconfiança (mesmo que mostrem um volume maior de trabalho e com maior qualidade não ocupam espaços de destaque, ou decisivos), são vistas como descartáveis ou até mesmo invisíveis o ideal romântico estabelecido por séculos. Ainda diante destas polaridades, salienta-se, por um lado mulheres aceitáveis, paradigma ideal, já por outro lado a realidade de mulheres pretas abandonadas, sozinhas, largadas a própria sorte (sem auxílio financeiro ou subsídios estatais) e relegadas ao celibato absoluto, pois segundo a pesquisa solidão da mulher preta, muitos homens pretos se perderam no caminho entraram nesse jogo de abandono. Já a mulher preta, busca estratégias de sobrevivências, cada um traça seu caminho, no entanto, essas mudanças atingem as mulheres pretas velhas e sozinhas é a teoria do celibato absoluto não confiar em homens brancos perpassa também por um processo de aprendizagem.

O problema que afeta a mulher preta de modo geral, dista de focar, exclusivamente, na mulher branca e entendê-la como inimiga (mesmo que beneficiada pelo sistema), tampouco no homem preto que sofre o genocídio e é o principal alvo das políticas voltadas ao extermínio da população preta, antes dessa morte física, geralmente é morto socialmente ao negar da própria realidade. Os entraves impostos às mulheres pretas são herdados desde o processo de formação histórica do Brasil, onde a grande parte dos saberes ancestrais e matriarcais foram negados, por meio do racismo estrutural, que afeta a base dessa pirâmide social e coloca neste lugar de segregação e apagamento histórico.

Como resposta às ações de isolamento social e o apagamento histórico trazemos para além da bagagem intelectual (adquirida na academia e trajetória de militância política) as práticas de enfrentamento por meio das nossas subjetividades que são dotadas de certas intencionalidades e também buscam mecanismos de resistência as estratégias que preservam as nossas potencialidades, pois a representatividade preta importa! Dito isso, sigo o texto com algumas incursões etnográficas afinadas com as trajetórias de diversas mulheres pretas periféricas.

Ao fazer este exercício de voltar no tempo, inevitavelmente associo o falecimento materno a migração periférica. Na década de 1990, eu e meus irmãos fomos para o Valo Velho, extremo sul da cidade de São Paulo, tive contato com uma realidade completamente

diferente daquela vivida no Ipiranga (região central de São Paulo). As ruas ainda não possuíam pavimento asfáltico, inúmeras famílias migrantes, avícolas por toda parte, um clima que mesclava características rurais e privações de recursos públicos. A ausência de equipamentos culturais e sociais marcavam as singularidades vividas pelos jovens, que só quem estava por lá, realmente entendia a áurea tensa e ao mesmo tempo. Muitas literaturas fazem questão de frisar como algo sobrenatural ou mágico, voltado a periferia, mas nós que vivemos as agruras cotidianamente sabíamos quais eram as nossas dores e tristezas de acessar algumas memórias. Particularmente, toda aquela poeira do ônibus velho, as privações, e a falta de acesso aos espaços de lazer traziam a mim toda a insatisfação e inconformidade diante daquela realidade.

Venho de uma família militante do movimento negro, essencialmente matriarcal, que traz mulheres que precisaram criar os filhos umas das outras sozinhas, e desde muito cedo preparar todos para o enfrentamento das desventuras da vida. Diante desta realidade, havia a necessidade de apurar nossos olhares e nos ensinar a reagir diante do julgamento moral, racismo e assédios de diversas formas.

Diziam que quando estamos articuladas com outras mulheres há possibilidade de impedir que atrocidades aconteçam, mesmo que este aparato seja por meio da crença em nossa ancestralidade e seu legado, pois segundo elas andamos acompanhadas.

Ao experimentar a USP, em meados de 2002, percebi o caráter elitista, quando não permitiam que alunos oriundos do cursinho popular, pobres e pretos estudassem nas salas de aula (mesmo quando vazias), pois era inadmissível compartilhar o espaço voltado aos alunos oficiais oriundos da aristocracia e elite paulistana. O caminho até a aprovação no vestibular foi longo e repleto de esforços, por vezes acreditei que não daria conta, mas diante dos trancos e barrancos concluí a graduação na Universidade Estadual Paulista Unesp e após 9 anos retornei à Universidade de São Paulo, agora como pós graduanda, na condição de mãe solo, e morando do extremo oeste da Grande São Paulo.

Cursando mestrado em Mudança Social e Participação Política na Escola de Artes Ciência e Humanidades (EACH) Universidade de São Paulo campus Leste. Tive acesso ao edital promovido pela Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência do IEA, sabia que aquela poderia ser uma oportunidade que almejei por muito tempo, realmente estava diante do

que sempre vislumbrei. O ingresso no projeto traria realizações pessoais, ao mesmo tempo compromissos públicos que transcendem as propostas padronizadas na realidade universitária.

Como mulher preta tornar-me supervisora de equipe dentro do projeto que atua em comunidades importantes como Jardim Keralux e Vila Guaraciaba trouxe à tona diversos percalços e enfrentamentos vividos pelos moradores, muito próximo a realidade pessoal. Entendi que a dignidade humana e o sentimento de pertencer são adquiridos ao mesmo tempo que os vínculos se fortalecem. A relação com a equipe composta, majoritariamente, bolsistas negros facilitou a criação de vínculo solidários e proporcionou uma atmosfera importante para permanência na instituição.

Nos reconhecemos em algumas tomadas de ação, especificamente em uma atividade promovida pelo projeto, que ficávamos de mãos dadas e algumas perguntas reflexivas nos levavam a pensar sobre as nossas trajetórias e equidade social. As perguntas eram feitas e passos eram dados para trás e outros para frente (normalmente os passos que eram dados para trás eram relacionados a ausência de oportunidades ou recursos), ao final da atividade estávamos nós (as autoras) de mãos dadas no fundo da sala, distante do restante da equipe. Vimos que mesmo ocupando o mesmo espaço, fomos tolhidas historicamente dos privilégios e oportunidades oferecidas a outros, mas ainda assim estávamos lá, de mãos dadas, olhos marejados, apoiando uma a outra... resistimos

A participação no projeto, Democracia, Artes e Saberes Plurais ofereceu oportunidades significativas que impulsionaram e marcaram a minha vida acadêmica e profissional. Para além disso, o projeto viabilizou o protagonismo de vozes pretas, diante dos fenômenos sociais, ressignificou a forma de ver o mundo e o fazer ciência.

RELATO 2

Eu tinha 18 anos quando vi meu nome entre os selecionados, levando o sobrenome da minha mãe comigo, passei na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP no Curso de História em 2016. Sempre estudei em escola pública, mas no Ensino Médio, através do processo seletivo, entrei em uma ETEC e no último ano em um cursinho popular onde abriam meus horizontes, onde um sonho inimaginável e ousado de continuar estudando

brotou e floresceu. Eu e todos que me apoiaram havíamos passado uma barreira, em que no primeiro dia na porta (portão central da USP) descobri existir o símbolo do poder da hegemonia branca paulistana, o café e a cana de açúcar ao lado da estátua do fundador da Universidade em 1934

Já na faculdade, com o passar do tempo, percebi o que significava estar em um espaço de poder, caracterizado pelas narrativas hegemônicas mesmo que críticas sobre o que é História, quem a escreve, quem pode falar e a quem destina somente ouvir. No meu cotidiano acadêmico que envolviam sala de aula, grupos de trabalho ou estudo e movimento estudantil comecei a perceber meu movimento de disputa, como minhas vivências experienciais de mulher preta e periférica em qualquer um destes contextos impeliam a questionar o conhecimento e experiências privilegiadas as quais mobilizam certos autores, teorias e bibliografias canônicas (hegemônicas/eurocêntrica) a explicar processos históricos, enquanto que há tantas outras pesquisas, teorias e experiências cujo estudo debruça-se a outras especificidades de atores históricos, um forma tão legítima quanto a se compreender a História. Por exemplo, a vida de mulheres negras e/ou periféricas, produção acadêmica cuja intelectual Lélia Gonzalez contribuiu ao falar o pretugues e também Beatriz Nascimento ao falar de aquilombamento.

Levei três anos para constituir redes de apoio e solidariedade dentro da Universidade. Foi no processo de indignação que me coloquei em movimento na busca de me encontrar neste espaço, participando do Centro Acadêmico como gestão 2017, articulando com o Coletivo Negro Beatriz Nascimento 2017-2018 e ministrando aulas no cursinho popular do Instituto de Psicologia em 2018. Enquanto que minhas redes de apoio fora do muro da USP estavam a 1h30 de distância, minha casa, a qual às vezes voltava somente para dormir.

No entanto, foi no Edital Democracia, Artes e Saberes Plurais do Instituto de Estudos Avançados em Dezembro de 2018 que vi a oportunidade de fazer das minhas vivências experienciais ser valorizadas, ou seja, das minhas questões específicas subjetivas as quais me marcam como sujeito histórico e social haveria possibilidades de debater, teorizar epistemologia e metodologias de trabalho que se apresenta em práticas na academia e nas periferias (COLLINS, 2019) das quais conviveria no projeto e da qual eu mesma vim.

Já trabalhando no projeto desde janeiro de 2019 essa expectativa se concretizou, no entanto, assim como os demais espaços acadêmicos, entendi junto com as demais pretas, como o projeto também se caracterizava pela disputa política, em que a formação da equipe é um dos aspectos relevantes a serem analisados.

Constituída por vinte e quatro pesquisadores, dos quais doze são pessoas negras e uma das coordenadoras também é uma preta, todos oriundos da periferia, mesmo que por um momento de suas vidas. Tal composição foi essencial para estabelecermos diálogos a respeito de nossas vivências experienciais a partir de nossas marcas histórico-sociais, sendo que nós pesquisadores tão diversos gerasse intersecção nas marcas raciais, de gênero, de classe e étnicas, de forma sobrepostas na realidade de cada um. Isso consequentemente demandou um olhar atento e sensível da supervisão a fim de acolher nossas especificidades com políticas e ações neste espaço, e, dessa forma, viabilizar condições de permanência dos pesquisadores no projeto. Retratarei, a partir da ferramenta metodológica da interseccionalidade, como foi relevante atentarmos a nossas especificidades no decorrer do projeto.

Optamos por tal ferramenta metodológica, conceituada por Kimberle Crenshaw (WILLIAMS, 1994), pois uma das questões e disputas políticas está diretamente relacionada aos nossos marcadores sociais de raça e gênero. Porém, não somente a ele, já que, além de mulheres e pretas, somos originárias de camadas populares, dessa forma, o marcador de classe também é relevante, no qual utilizamos teorias da intelectual Angela Davis, ao estudar os três inter relacionados (DAVIS, 2016; [1981]). E, por fim, mas não menos importante, estamos localizadas no Brasil, que para a intelectual Lélia Gonzales ao estudar a mulher afroamericana (GONZALEZ, 1979), é um país onde por 500 anos de escravidão se investiu na construção sistemática e estrutural de políticas a limitarem as chances de sucesso das mulheres negras sendo elas escravizadas ou libertas e no pós-abolição tais estruturas continuaram operando mesmo que com novas faces e articulações (GONZALEZ, 1984).

Ao entrarmos na Universidade sempre foi uma queda de braço conciliar horas de trabalho, horas no trânsito entre casa - trabalho, trabalho - faculdade, faculdade - casa. Tempo para a mulher negra é algo que se tem a conta gotas para equilibrar entre o malabarismo de demandas em que o momento para refletir, pensar, escrever e criar torna-se a última prioridade (HOOKS, 1995). Essa realidade não foi diferente dentro do projeto, nós três

trabalhamos em outros empregos, muitas das vezes conciliando dupla ou tripla jornada de trabalho, porque a bolsa de pesquisa não é suficiente para nossa plena subsistência.

Lélia Gonzalez retrata com maestria abordando historicamente por gerações como a realidade das mulheres pretas no contexto brasileiro se reproduzem. Segundo ela, o censo de 1950 retrata um nível de educação muito baixo ao grupo de mulheres negras. E apesar do desenvolvimento e modernização que ampliaram diferentes setores industriais e abertura de setores burocrático, em que vagas destinadas a candidatos de baixo nível de escolaridade o processo de seleção racial através da exigência de "educação" e "boa aparência" a mulher negra, mesmo capacitada, não tinha perfil para vaga (GONZALEZ, 1981).

Somos herança dessa geração de mulheres negras, as quais mesmo com acesso ao ensino básico tem o fator do abandonou, por diversos motivos convergentes aos nossos marcadores de gênero, como filhos, marcadores de raça, violência e discriminação racial na escola e marcadores de classe, como trabalho, e a interseção entre os três ao sofrermos tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e sexismo nos colocam historicamente ao lugar social de prestação de serviço domésticos (GONZALEZ, 1981. p. 44). Não é ao acaso que nossas matriarcas também são originárias de camadas populares as quais com dificuldades tiveram acesso à educação básica completa e menor ainda a possibilidade de ascensão a determinados setores da classe média.

Esta é uma realidade histórica social que nos marca em nossa especificidade e a necessidade de realizar outras jornadas de trabalho. Em que no projeto foi necessária disputa política em que uma de nós, como coordenadora, exerce um lugar de influência e identificação possibilitando o diálogo e compreensão dos demais supervisores, uma compreensão de nossa especificidade a contraponto de nosso comprometimento ao trabalho, eficiência nos números de entrevistas, criatividade e responsabilidade na articulação com o território e moradores.

A ida à campo a partir de Março de 2019 a fim de cumprir a carga horária de 10 horas por semana foi um exemplo concreto da disputa pela compreensão de nossa especificidade. Em que a exigência no começo era cumprir em dias da semana, no horário comercial (09h-18h), mas nós que trabalhamos, cumprindo dupla ou tripla jornada de trabalho, ficaria

impossibilitado de permanecer no projeto. Dessa forma, após reuniões passou haver a possibilidade de trabalhar 8 horas em um dia do fim de semana, enquanto que as 2 horas de reunião por também ocupar o horário comercial poderia ser acompanhada por videoconferência por pesquisadores que estivessem impossibilitados de estarem presencialmente.

Já outro fator importante a respeito da composição da equipe foi o processo de construção dos questionários a serem aplicados para o diagnóstico sociocultural e econômico de territórios periféricos do entorno da USP, em que se fez debates a respeito de questões essenciais de levantamento quantitativo da população dos territórios a fim de conhecer o perfil social. Neste caso, a auto identificação racial/étnica contou com o desdobramento em quatro questões após intenso debate cuja intervenção por parte das pessoas pretas foi essencial.

Por fim, destacamos que o próprio espaço interno da equipe, no decorrer de um ano de projeto, constituiu-se de maneira informal a partir das relações estabelecidas um espaço político de apoio mútuo para enfrentamentos cotidianos, ou seja, um espaço onde pudemos criar rede de afeto e cuidado.

Sendo que este aspecto é imprescindível para se haver materialmente e emocionalmente nossa permanência na Universidade, pois somente através das formas em sabermos amar nesse espaço é viável nos identificarmos dentro dele, enquanto de diversas maneiras este espaço questiona nossa existência, como já relatamos.

Na fala da bell hooks (HOOKS, 1995) em que uma sociedade cuja supremacia dos brancos prevalece, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a inferiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade na luta pela sobrevivência, em que muitas das vezes significam a forma mais importante de carinho. No entanto, assim como hooks, acreditamos que queremos viver plenamente, ainda mais a experiência nós, mulheres pretas pesquisadora da USP, ou seja, não queremos apenas sobreviver a essa experiência e para isso a necessidade de nos colocar em movimento e criar espaços onde poderemos exercer a prática deste amor dentro da academia: onde poderemos viver plenamente; onde haverá possibilidades de sermos ouvidas; onde poderemos pedir ajuda; onde iremos nos sentir parte ao nos conhecermos e nos afirmar sem sermos reprimidas. Este é o ambiente acadêmico no qual buscamos estar e nossa atuação no projeto é uma das vias para isso.

RELATO 3

Recebi o chamado para o projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais em dezembro de 2018. A descrição do projeto e seus requisitos que privilegiavam o desempenho acadêmico, a relação pessoal e profissional com as periferias, além do interesse por questões sociais e a condição socioeconômica, foi com certeza decisiva para a minha inscrição.

Cheguei em São Paulo em 2009 e desde então vivia no Capão Redondo. O local que morei não foi uma escolha ou mesmo uma coincidência. A periferização da população negra é evidente, segundo o IBGE (2010) todos os distritos de São Paulo com maiores percentuais dessa etnia estão localizados na extrema periferia.

Fui aluna de escola pública, e como a maioria dos meus iguais, precisei trabalhar ainda durante o ensino fundamental e médio, o que me rendeu uma defasagem no conteúdo exigido pelo vestibular. Dessa forma, o cursinho popular Florestan Fernandes foi de extrema importância para que eu pudesse ser aprovada no vestibular.

Durante essa trajetória fez todo sentido a ideia defendida por bell hooks (HOOKS [1994],2017) de que o aprendizado em sua forma mais poderosa, tem de fato um potencial libertador. Por acreditar firmemente no poder das ações da educação popular, retornei para o cursinho como professora de história.

Ao ingressar no ensino superior público em 2018, observei que o ambiente universitário, ao seguir uma lógica branca, não é ainda receptivo para alunos negros.

É possível trazer para a universidade o relato de bell hooks (HOOKS, [1994],2017) sobre sua escola. Eu também me deparei com professores brancos cujas lições reforçam os estereótipos racistas.

Reatando ao projeto, após ser selecionada, participei de reuniões para formação, nesses encontros houve uma melhor apresentação do projeto, dos pesquisadores e supervisão (que contava com mulheres pretas), dos termos técnicos e da metodologia que seria usada para a coleta de dados para elaboração do censo.

O trabalho de campo começou em fevereiro de 2019, a experiência de entrar em casas, onde a realidade era em muitos aspectos muito parecida com a minha foi no mínimo enriquecedora.

É importante registrar vivências especiais, no mês de maio de 2019 participei da formação dos novos bolsistas e em agosto de 2019 a equipe recebeu o convite para conhecer a Maré. São experiências que enriqueceram tanto minha vida pessoal quanto profissional.

O projeto, por tratar com a devida relevância questões raciais e financeiras, configurou-se como uma oportunidade para que uma realidade diferente da que a experimentada até então fosse construída.

Ao trazer novas literaturas e ceder espaço à pesquisadores negros, o projeto ajuda na descolonização do conhecimento no meio acadêmico, onde, segundo a Grada Kilomba (2019), é um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas negras. Esse apagamento faz parte de um sistema colonizador que precisa ser destruído,

Suprimir os conhecimentos produzidos por qualquer grupo oprimido facilita o exercício do poder por parte dos grupos dominantes, pois a aparente falta de dissenso sugere que os grupos subordinados colaboram voluntariamente para a sua própria vitimização (COLLINS, [2000] 2019).

Apontados esses fatores, acredito que o projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais, desenvolvido no âmbito do Instituto de Estudos Avançados da USP, entre os anos de 2018 e 2020 é um lugar de fortalecimento político, onde foi criada uma rede além de política, de afeto e cuidado.

CONCLUSÃO

Nossos relatos evidenciam como a partir das relações estabelecidas, informalmente, o projeto se tornou um espaço para que somássemos nossos esforços na busca de “espaços pretos” na Universidade e de apoio mútuo para enfrentamentos cotidianos.

Para nós, o projeto se tornou um lugar de fortalecimento político, onde pudemos criar uma rede de afeto e cuidado. A algumas dessas pautas já tínhamos acesso, pois desde sempre nos entendemos como mulheres pretas, oriundas das camadas populares, cientes do nosso pertencimento (GOMES, 2012) e possibilidades de contribuição histórica.

No entanto, nesta experiência como pesquisadoras, fomos levadas a reelaborar essas questões a partir do ambiente acadêmico e a considerar que nossas subjetividades e vivências como mulheres pretas também importam para a produção de conhecimento sobre o mundo e

sobre a nossa própria realidade (DAVIS, [1981] 2016; HOOKS, [1994], 2017; COLLINS, 2019).

REFERÊNCIAS

COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, A. **Assata**: Uma Autobiografia. Prefácio. São Paulo: Boitempo, 2020.

GOMES, N. L. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 120, p. 727-744, 2012.

GONZALEZ, L. Mulher Negra: Um retrato. **Jornal Lampião**, n. 4, Rio de Janeiro, abril de 1979.

GONZALEZ, L. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. *In*: **Revista Ciências Sociais Hoje**, p. 223-244, 1984.

GONZALEZ, L. A Mulher Negra Na Sociedade Brasileira. *In*: **Lugar da mulher - estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. Organização de Madel Luz. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1981.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins, 2017.

HOOKS, B. Intelectuais Negras. **Revista Estudos feministas**, v. 3, n. 2/95, 1995.

HOOKS, B. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, 1995.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, B. Mulher negra no mercado de trabalho. *In*: RATTIS, A. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo - Instituto Kuanza, 2007.

Williams, K. C. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. *In*: FINEMAN, M. A. MYKITIUK, R. **The Public Nature of Private Violence**. New York: Routledge, 1994.



Artigo recebido em: 30 de julho de 2020.

Artigo aprovado em: 2 de setembro de 2021.